
O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 19 20

GERTZ, René. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002

*Sílvio Marcus de Souza Correa**

*Wir sind auf dem Standpunkt, immer uns zu
bestreben und noch zu suchen,
wie die Geschichte geschrieben werden soll.*
HEGEL

No último quartel do século XX pulularam novas tendências no terreno da historiografia. Dentre elas, destaca-se aquela motivada pelo *linguistic turn*. Suas origens remontam aos polêmicos ensaios de Roland Barthes, *Le discours de l'histoire* (1967), e de Hayden White, *Metahistory* (1973) que provocaram uma tendência “pós-moderna” na escrita da história. *The Revival of Narrative* (1979), de Lawrence Stone, também contribuiu para o acirramento do debate, que teve como um dos seus momentos marcantes o *International Congres of Historical Sciences*, em Montreal (1995), especialmente a mesa-redonda sobre ‘Objetividade, Narração e Ficção’, na qual participaram historiadores como Roger Chartier, Georg Iggers e Jörn Rüsen. No mesmo ano, alguns artigos na *American Historical Review*, como o de Dominick LaCapra, tentaram fazer um balanço das tendências historiográficas das últimas décadas, tal como já havia proposto Peter Burke em *New Perspectives on Historical Writing* (1991).

No Brasil, os *Ensaio Racionalistas* (1988), de Ciro F. Cardoso, serviram para divulgar certas críticas à fragmentação do discurso historiográfico e à promoção de uma história reacionária por parte de certos representantes da *Nouvelle Histoire*. Embora a derrocada do socialismo real tenha contribuído

* PhD. pela Westfälische Wilhelms-Universität Münster e professor do departamento de História e Geografia da Universidade de Sant Cruz do Sul

para a crise dos paradigmas no meio acadêmico, a fragmentação da história já se encontrava em franco processo. Em *Faire de l'histoire* (1974), Jacques Le Goff e Pierre Nora já haviam acusado o *émiettement* da história. Embora Le Goff tenha pleiteado, no prefácio do livro *La Nouvelle Histoire* (1978), uma história das sociedades a partir de modelos globalizantes, poucos historiadores ousam ainda escrever uma história com *h* maiúsculo, pretensamente universal, como David S. Landes em *The Wealth and Poverty of Nations* (1998). Em geral, os historiadores abandonaram as análises de estruturas determinantes para dar ênfase às ações dos indivíduos não necessariamente organizadas, mas de concretos efeitos sobre o processo histórico. Essa mudança de enfoque na investigação histórica levou (in) voluntariamente muitos pesquisadores ao *front* entre as ciências sociais e a literatura.

Nos *Ensaíos Racionalistas*, porém, o afastamento da escrita da história do campo epistemológico das ciências sociais e seu achego ao da literatura foram abordados *en passant* e de forma recalcitrante. Uma guinada decisiva houve a partir dos anos 90, quando uma nova geração de historiadores brasileiros passou a acusar com frequência seus antecessores de tolher o conhecimento histórico através de uma pretensão científica, olvidando até as suas particularidades já apontadas no final do oitocentos, por Wilhelm Windelband, ao diferir ciências nomotéticas e ideográficas e mesmo por Leopold von Ranke ao afirmar que a História se difere das outras ciências por ser também arte [*Die Historie unterscheidet sich dadurch von anderen Wissenschaften, dass sie zugleich Kunst ist.*].

Desde a última década, os historiadores brasileiros têm conseguido acompanhar quase sem descompasso, embora às vezes ainda de forma não muito crítica, as tendências historiográficas contemporâneas. O livro recentemente publicado, do historiador René E. Gertz, se apresenta como um bom exemplo dessa sincronia da atual historiografia brasileira com a alemã. E não seria por acaso ser *O aviador e o carroceiro* (2002) uma obra emblemática no rol das novas tendências historiográficas, uma vez que Gertz é um dos melhores conhecedores, tradutores e divulgadores da historiografia alemã, no Brasil.

Estudante na antiga RFA, Gertz viveu o clima de superação do *Historismus* por uma nova concepção da ciência histórica ancorada em Max Weber. Em *Sozialgeschichte. Begriff, Entwicklung, Probleme* (1977), Jürgen Kocka sintetizou os fundamentos teóricos e as estratégias metodológicas daquela tendência em voga na Alemanha, às vésperas do ingresso de Gertz na Universidade Livre de Berlim. Como observou Jörn Rüsen, em *Zeit und Sinn* (1990), esta concepção de história se aproximou das ciências sociais, tornando o método histórico mais analítico e abandonando aquela historiografia na qual

a história aparecia como “quadro sensorial e plástico de transcurtos de tempo no plano das ações compreensíveis” [*Geschichte als sinnlich-plastisches Bild von Zeitverläufen auf der Ebene vertehbarer Handlungen*].

A revisão crítica da historiografia alemã, especialmente sobre o período nacional-socialista, influenciou as pesquisas históricas de Gertz, cuja temática principal sempre foi a relação das populações do Brasil meridional, especialmente teuto-brasileiras, com as ideologias totalitárias (fascismo, nazismo). Também as suas abordagens teórica e metodológica sempre acusaram um interesse em dissolver “cientificamente” os estereótipos e identificar as conseqüências ou os custos sociais de certas decisões, especialmente no âmbito político, na história brasileira da primeira metade do século XX. Esse intento implícito em sua produção intelectual se assemelha ao defendido por Hans-Ulrich Wehler em *Das deutsche Kaiserreich* (1973), um dos maiores representantes daquela corrente historiográfica em voga na Alemanha pós-68.

Mas novas tendências surgiram no terreno historiográfico alemão a partir da década de oitenta, cujo enfoque predominante passou a ser o cotidiano através da análise de “experiências concretas”. Como discerniu Jörn Rüsen (1990), se a *Gesellschaftsgeschichte* dava grande importância aos conceitos, às construções teoriformes e aos métodos analíticos, aproximando assim a ciência histórica das ciências sistemáticas como a sociologia e a ciência política, as novas orientações historiográficas se aproximam da antropologia cultural e da etnologia e pleiteiam o retorno da narrativa. História do Cotidiano e Micro-história seriam alguns exemplos dessas novas correntes historiográficas que se fazem presentes igualmente no campo historiográfico brasileiro.

Contudo, a filiação historiográfica d’*O Aviador e o carroceiro* (2002) não constitui tarefa simples, pois sua estrutura, suas nuances teóricas e ainda sua metodologia heterodoxa devem ser analisadas não exclusivamente a partir de uma orientação historiográfica, mas através da trajetória intelectual do seu autor.

Sem prefácio e sem o emprego da primeira pessoa, o livro é composto por dez histórias parvas que não formam uma história magna. Apesar do recorte espacial (Rio Grande do Sul) e temporal (década de 20), o livro não tem introdução, meio e fim. Cada uma das histórias pode ser lida separadamente, embora todas formem um decaedro dos anos vinte. Gertz se revela um bom narrador de histórias, aparentemente despreocupado com uma eventual ‘história-problema’. Porém, sua narrativa, tal como a dos sobreviventes da *Shoah*, aponta mais para as lacunas do que para outros elementos constitutivos de um conhecimento histórico possível.

Em *History, Rhetoric and Proof* (1999), Carlo Ginzburg chamou a atenção para o espaço em branco na narrativa flaubertiana, aludindo às lacunas também existentes em toda narração, inclusive naquela por ele chamada de ‘história

narrativa'. Enquanto processo seletivo, desde a coleta dos dados até a construção de sua estrutura narrativa, o conhecimento histórico se apresenta textualmente fragmentado. No capítulo *Reflections on a blank* do livro supracitado, Ginzburg faz igualmente alusão ao método retroativo de Marc Bloch, através do qual se espera que imagens pretéritas, como na película cinematográfica, possam ser parcialmente resgatadas, apesar das lacunas e da eventual perda da seqüência original.

O *decâmeron* de Gertz também apresenta uma série de lacunas, e sua seqüência é aleatória. Mesmo informando dia, mês e ano e, em alguns casos extremos, até a hora de certos acontecimentos, a narrativa de Gertz aponta apenas para a ponta do iceberg das relações políticas, étnicas e religiosas na década de 20, no Rio Grande do Sul. Mas se a narrativa de Gertz busca preencher certas lacunas com uma argumentação plausível baseada em evidências empíricas, sua investigação não se aventura através de uma 'micro-análise' e tampouco pelos meandros do cotidiano. Mesmo não obedecendo a uma cronologia rigidamente linear, sua narrativa procura ordenar os acontecimentos selecionados, e cujos desdobramentos se dão em múltiplos sentidos, com tempos diferentes.

N'O *Século do Cinema* (1985), Glauber Rocha considerou Stanley Kubrick revolucionário por romper com a linha tradicional da narrativa direta e cronológica no filme *Killer's Kiss*. A simultaneidade de ações e seus diferentes *timings* também se encontram neste último livro de Gertz. Mas apesar das lacunas e arritmias da sua narrativa, causadas principalmente pela polifonia das fontes jornalísticas, Gertz não faz uma história *événementielle*. As estruturas subjacentes às ações individuais são observadas, embora sua historiografia já tenha sido mais analítica.

Alguns críticos de Gertz poderiam ironicamente insinuar que suas dez histórias formam uma colcha de retalhos e que cada uma delas se coaduna à história local ou regional própria ao estilo ilustrado do IHGRGS. Outros poderiam inferir uma adesão de Gertz à vaga pós-moderna que privilegia a narração em detrimento das análises mais sociológicas próprias à *Gesellschaftsgeschichte*, pela qual o autor outrora nutria simpatia. Em sua defesa, outros poderiam situar a sua narrativa entre os quatro tipos de narração histórica propostos por Jörn Rüsen (1990), ou mesmo aludir a um jogo de escalas tal como pleiteia Jacques Revel em *Jeux d'échelles* (1996) e não seria de todo descabido especular sobre uma eventual simpatia pela micro-história que – como já salientou Giovanni Levi – não é o mesmo que história local.

Mas se neste seu último livro, Gertz recorre com freqüência ao pitoresco e não menciona nenhuma vez Max Weber ou qualquer outro nome das ciências sociais, isto não significa que a sua narrativa histórica careça de análise teórica.

Embora muito próximo à neutralidade proposta por Ranke, em sua *Englische Geschichte vornehmlich im 17 Jahrhundert* (1877), ou seja, de evitar o emprego da primeira pessoa para induzir uma narrativa quase autônoma das fontes, a copiosa documentação, da qual se valeu Gertz, acusa sua preocupação em fundamentar a escrita da história com provas. Se a assertiva *pas des documents, pas d'histoire*, de Fustel de Coulanges, ainda é válida, Gertz escreve sua(s) história(s) a partir de uma concepção moderna do que seja documentação. Assim, tem-se o cotejo de entrevistas com fontes impressas (como os 40 periódicos listados, muitos em língua alemã) e de dezenas de livros (boa parte deles, edições esgotadas) com teses e dissertações acadêmicas, além de biografias e memórias. Anais e relatórios, bem como os tradicionais documentos manuscritos de arquivos, também serviram de fontes para tecer uma trama da década de 1920, com os fios da política, da etnia e da religião.

A partir de variada e copiosa documentação, Gertz oferece ao seu leitor *short stories* que tem como cenário a conjuntura política e religiosa do Rio Grande do Sul nos anos vinte. Porém, poucos foram os *closes* na plebe. As 'personagens' de seu enredo fazem parte de elites seja política, religiosa ou estudantil. São membros do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito, da Sociedade de Medicina, da Maçonaria, do Sínodo Riograndense, da União dos Moços Católicos e do Partido Republicano Riograndense (PRR).

Somente a última história tem como protagonistas gente da arraia-miúda. Trata-se da pendenga entre o carroceiro Gervásio Gonçalves e um vendedor de passagens de uma estação ferroviária. Com esse último *flash*, através do qual aparece não apenas um negro, mas também um indivíduo anônimo, Gertz revela magistralmente como acontecimentos 'externos' acabam interferindo na vida dos indivíduos, mesmo daqueles chamados de 'excluídos da história'. Pertencentes às elites ou não, os indivíduos nunca são totalmente passivos e se apropriam dos acontecimentos conforme a natureza dos seus interesses, atribuindo aos mesmos significados outros, no fito de promover as condições favoráveis para ações nem sempre politicamente corretas. Assim, tem-se novos acontecimentos...

As dez histórias de Gertz têm esse particular, ou seja, as rédeas da história escapam com frequência das mãos daqueles que almejavam guiar seu rumo. Mesmo sem utilizar o método da prosopografia ou do gênero biográfico, Gertz mostra que as ações dos indivíduos (mesmo os das elites) estão condicionadas por certas estruturas que, no entanto, não as determinam. Neste aspecto, Gertz logra êxito ao não fazer de seus 'personagens' históricos meros fantoches das estruturas, mas percebe igualmente as estruturas subjacentes no cenário dos anos 20, no qual atuam aqueles indivíduos, em sua maioria membros das elites religiosas, intelectuais e políticas.

Seria muito ousado e equivocadamente apontar o lugar na historiografia regional d' *O aviador e o carroceiro*. Provavelmente, haverá uma série de críticas à narrativa pretensamente realista, em que até a hora de certos acontecimentos é mencionada. Não será uma surpresa se Gertz for alcunhado de 'positivista' pelos mais incautos e avessos às datas e às personalidades, das quais muitas dão nome às ruas de nossas cidades. Sua despreocupação com uma 'história-problema' poderá igualmente ser alvo de reproche se, porventura, ainda houver seguidores dos *Annales*. Dos marxistas, a crítica já lhe é contumaz. A sua delimitação temporal pode suscitar a exprobação de 'braudelianos' uma vez que o estudo de uma década impede uma análise sobre a continuidade ou permanência de certos aspectos históricos, considerados por estes como mais relevantes do que aqueles da ordem do cotidiano.

Historiadores da geração de Carlos Oberacker Jr. e formados pela matriz historicista teuto-luterana, provavelmente, terão suas críticas, especialmente no que diz respeito à relação do livre-arbítrio dos luteranos com o curso da história local e regional. Isso não significa que aqueles formados pela matriz teuto-católica irão concordar sem reservas ao enfoque de Gertz sobre a relação do catolicismo com o nacionalismo e a imiscuição de D. João Becker em assuntos temporais. Simpatizantes da história cultural e da micro-história, por seu turno, destacarão o uso de fontes orais, de biografias e o retorno à narração, enquanto que outros influenciados pela moderna historiografia alemã poderão supor que Gertz seja ainda um leitor da *Geschichte und Gesellschaft. Zeitschrift für Historische Sozialwissenschaft*.

Em *History & Social Theory* (1992), Peter Burke afirmou que "estar aberto a novas idéias, de onde quer que venham, e demonstrar-se capaz de adaptá-las aos próprios propósitos e de encontrar maneiras de testar sua validade constituem a marca tanto do bom historiador como do bom teórico." Nesse sentido, as histórias d' *O aviador e o carroceiro* constituem mais uma importante contribuição, talvez a mais eclética, daquele que há tempos vem embaralhando as cartas da ciência política, da sociologia e da história e se deparando com novas tendências historiográficas, na medida em que as décadas passam. Ardiloso como Ulysses, Gertz ouve o canto sedutor das sereias pós-modernas amarrado ao mastro da historiografia alemã pós-68.